

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DE VIRADOURO

Pr. José Antônio Corrêa

A VIDA CRISTÃ EM PARÁBOLAS

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

LIÇÃO 01 - A MISTURA NO MEIO CRISTÃO
Mt 13.24-30; 36-43

INTRODUÇÃO: Quando Jesus apareceu pregando e ensinando a respeito do reino, valeu-se de parábolas com o objetivo de esclarecer as verdades que o formalismo de então havia encoberto. Nestas parábolas, estão contidos os mais importantes ensinamentos concernentes à vida cristã. Tomando como base as palavras de Jesus concernentes ao joio semeado no meio do trigo, destacaremos algumas verdades que cremos ser de grande valor para o nosso crescimento espiritual. Vejamos:

I - O INIMIGO É O AGENTE FOMENTADOR DA MISTURA

"E ele lhes disse: Um inimigo é quem fez isso" (v. 28a). O papel do adversário é fazer oposição à obra de Deus. É assim que o diabo, "o inimigo", é identificado na parábola (v. 39). O texto deixa claro sua existência e mostra que ele não mede esforços para alcançar o seu objetivo. De acordo com o texto, podemos entender como ele semeia suas "*ervas daninhas*" no seio da Igreja:

1. Ele se aproveita da sonolência dos ministros de Deus - "Mas, dormindo os homens" (v. 25a). Aproveitar as oportunidades é uma demonstração de quem leva a sério o alcance de suas metas. Diante disso, é bom frisar que, no momento em que os homens dormiam, ele se valeu da situação e atacou. Portanto, a verdadeira motivação tem como base a negligência e a displicência espirituais. Muitos dos ministros que deveriam vigiar em oração a propriedade de Deus e zelar dela aplicando os ensinamentos da Palavra estão sonolentos e envolvidos em muitas ideologias. Esqueceram-se da advertência de que devemos vigiar e orar, pois o nosso "adversário, o diabo, anda em derredor, rugindo como leão, buscando a quem possa tragar" (1Pd 5.8).

2. Ele lança seus ataques de forma oportunista - O papel do adversário é minar a estrutura da Igreja, por isso espalha nos corações usura, inveja, heresias, orgulho, impiedade, falsidade, adultério e outros tipos de males, como foi o caso de Ananias e Safira que, sendo cristãos, e tendo toda a liberdade de ofertar com um coração sincero, deixaram Satanás encher seus corações de falsidade, avareza e destemor a ponto de mentirem para Deus (At 5). O diabo não enfrenta os cristãos cara a cara, mas pela retaguarda, sempre procurando oportunidades, e, no menor vacilo, ataca, fere e mata (Jo 10.10).

3. Ele usa de sutileza para semear e se retirar - "... veio o inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se" (v. 25b). Quem já presenciou o ataque de uma víbora, pôde perceber duas coisas: primeiro, a rapidez do ataque; segundo, a estratégia. A víbora não tem interesse em segurar a vítima, ela injeta o seu veneno e volta ao seu esconderijo, aguardando a sua atuação mortífera. O diabo é chamado de "antiga serpente" (Ap 12.9), provavelmente pelas características semelhantes às da cobra venenosa. No texto vemos que o maligno semeou o joio e "retirou-se". Depois do ato perverso, ele se escondeu e aguardou o veneno fazer seu efeito. É desta forma que ele leva a termo seus ataques ardilosos. Sua "*ausência*" momentânea é uma estratégia para dificultar a identificação do mal no seio da Igreja.

II - AS CIRCUNSTÂNCIAS DIFICULTAM A IDENTIFICAÇÃO DA MISTURA

Na apresentação do reino, o texto nos revela uma realidade: o bem e o mal coexistem. Muitas vezes, seus agentes dividem o mesmo espaço e podem ter características semelhantes. Podemos entender melhor observando os subtópicos a seguir:

1. O trigo e o joio estão plantados no mesmo campo - "O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do Reino; e o joio são os filhos do maligno" (v. 38). Quando o Senhor orou pelos santos, disse: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal" (Jo 17.15). Os filhos do reino estão juntos com os do maligno, não para serem influenciados, mas para influenciar por meio de suas vidas e pela pregação do evangelho, que é o poder de Deus para salvar e transformar o homem (Rm 1.16). Não podemos ignorar a presença do joio e do trigo no mesmo terreno trabalhado pelo lavrador; isso nos leva a admitir a coexistência de filhos do reino e filhos das trevas na mesma congregação dos santos e que somente no dia da colheita, serão de fato distinguidos. Hoje, com as formas variadas de culto e louvor,

ficou ainda mais difícil distinguir entre um cristão e o não cristão. Por vezes, chegamos a confundir trigo com joio e vice-versa.

2. O trigo e o joio são aparentemente iguais- Era comum semear joio na plantação de trigo alheio com o propósito de vingança, uma vez que ele só poderia ser notado quando o trigo crescesse e frutificasse. Da mesma maneira, os falsos cristãos só podem ser identificados quando confrontados com os verdadeiros. Paulo chega a afirmar: "E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós" (1Co 11.19). Assim, a congregação reúne várias características, porém existe um fator que distingue o santo do profano: as atitudes do nosso coração, visto que são elas que dizem o que realmente somos. De acordo com o Senhor, cada árvore é conhecida pelo seu fruto (Lc 6.44a). Os "filhos do maligno", representados pelo "joio", promovem contendas, murmurações e cismas na igreja, mas estão tão entranhados no meio dos "filhos do reino" que é praticamente impossível arrancá-los sem prejudicar os inocentes (v. 29).

III - O JUSTO JUIZ É QUEM PROMOVERÁ A SEPARAÇÃO DA MISTURA

Muitas vezes, ouvimos questionamentos acerca de tanta injustiça e impiedade que reinam no mundo. No entanto, o mal não reinará eternamente, pois será exterminado definitivamente. Assim também será com os que praticam a iniquidade, serão separados para a vergonha eterna, enquanto os que praticam a justiça herdarão o reino. E isso se dará nas seguintes circunstâncias:

1. No tempo da ceifa - "... e a ceifa é o fim do mundo..." (v. 39b). Muitas vezes queremos efetuar, por nós mesmos, o juízo final, fazendo acepção de pessoas, excluindo-as do nosso convívio e até mesmo taxando-as de joio. Queremos ceifá-las antes do tempo; no entanto, de acordo com o texto, os servos quiseram arrancar a erva que crescia junto ao trigo, mas o Senhor do campo não permitiu. A razão para tal atitude foi a de preservar o trigo que provavelmente seria prejudicado, por isso o Senhor deixou tudo para o momento da ceifa. (Mt 13.40,41).

2. Na eternidade - Por fim, o joio encontrará o seu lugar definitivo. Os crentes de má qualidade não ficarão impunes para sempre. "Pelo que os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos" (Sl 1.5). O papel dos filhos de Deus é dar bons frutos e os do maligno é dar frutos maus. Por isso se diz: "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se" (Ap 22.11). No momento certo: "vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio, entre o que serve a Deus e o que o não o serve" (Mt 3.18). Na eternidade, os crentes desobedientes não poderão permanecer escondidos no meio da congregação dos santos e cada um terá o seu destino. Do "joio" se diz: "E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali, haverá pranto e ranger de dentes" (Mt 13.42). Mas quanto ao "trigo": "Então, os justos resplandecerão como o sol, no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça" (Mt 13.43).

CONCLUSÃO: As verdades ensinadas pelo Senhor Jesus Cristo, por meio das parábolas não têm como objetivo apenas o acréscimo de conhecimento; visam, sobretudo, ao despertar da consciência daqueles que ambicionam herdar o reino de Deus. O cristão tem papel importante como luz do mundo. Deve, portanto, fazer a diferença pelas suas obras e conduta cristã, em contraposição ao "joio" que o inimigo semeou.

LIÇÃO 02 - A RELEVÂNCIA DO PERDÃO PARA O CRISTÃO

Mt 18.23-35

INTRODUÇÃO: Nesta parábola, o Reino dos Céus é, novamente, demonstrado em figura, nos proporcionando grande ensino. A Igreja é o corpo vivo de Cristo, portanto, receptiva às manifestações deste Reino. O Senhor destaca a beneficência do perdão, mostrando que concedê-lo a alguém nos torna alvo do perdão divino, por isso está escrito: "Suportando-vos e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como o Senhor vos perdoou, assim fazei vós também" (Cl 3.13). Portanto, vejamos:

I - O CRISTÃO FOI PERDOADO POR DEUS

O perdão é uma das práticas mais benéficas do cristianismo e a sua doutrina é largamente ensinada na Bíblia. No Novo Testamento, a palavra "*perdoar*" é expressa de quatro maneiras:

- 1) "*Tratar graciosamente com*". O perdão divino é sempre um ato de graça da parte de Deus. Portanto, o que "*de graça recebestes, de graça dai*" (Mt 10.8);
- 2) "*Mandar embora, soltar*";
- 3) "*Libertar*" (conf. Lc 6.37); e,
- 4) "*O deixar passar*" (conf. Rm 3.25).

Por todas essas expressões, fica clara a ideia do perdão divino. O cristão foi perdoado:

1. Ao reconhecer a sua grande dívida - Este é o primeiro passo para o perdão divino. A parábola mostra que a aquele servo devia um valor exorbitante, e que ele não tinha como pagá-lo (v. 25). Cada talento valia 6.000 denários, e o servo devia 10.000 talentos, que equivalia a 60.000.000 de denários. Apesar disso, o Senhor perdoou-lhe a dívida. A expressão "soltou-o" (v. 27) revela que a dívida é como uma prisão; no entanto, Deus tratou com o devedor graciosamente, soltando-o e libertando-o. Isso é perdão. Da mesma forma, a nossa dívida para com o Senhor era muito maior do que podíamos pagar. A Escritura diz que todo aquele que comete pecado é seu escravo (Jo 8.34), mas também afirma que é Deus quem perdoa todas as nossas iniquidades (Sl 103.3; 1Jo 1.9).

2. Ao se humilhar diante do seu Senhor - "Então aquele servo, prostrando-se..." (v. 26a). Se aquele servo arrogantemente elevasse a sua voz contra o seu senhor, tentando provar que não lhe devia nada, certamente teria sido vendido à escravidão e jamais se livraria, pois não teria como quitar a dívida. No Salmo 49.8, lemos: "pois a redenção da sua alma é caríssima, e seus recursos se esgotariam antes". Aquele homem prostrou-se e passou a reverenciar o seu senhor que, comovido, o perdoou. O rei da parábola representa o nosso Deus que é rico em perdoar (Is 55.7). A Sua sentença para os humildes e arrependidos é: "pois lhes perdoarei a sua iniquidade e não me lembrarei mais dos seus pecados" (Jr 31.34).

3. Ao se tornar alvo da compaixão do seu Senhor (v. 27). O que leva Deus a nos perdoar em Cristo é a sua misericórdia e não os nossos argumentos. O fariseu em nada convenceu o Senhor enquanto justificava a si mesmo. Jesus disse: "Digo-vos que este (referindo-se ao publicano), desceu justificado para a sua casa, e não aquele (o fariseu); porque todo o que a si mesmo se exalta será humilhado, mas o que a si mesmo se humilha será exaltado" (Lc 18.14). O servo disse: "tem paciência comigo" (v. 26); o publicano orou: "Ó Deus, sê propício a mim, o pecador" (Lc 18.13); Davi suplicou: "Compadece-te de mim, Ó Deus, segundo a tua benignidade, apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias" (Sl 51.1).

II - O CRISTÃO DEVE EVITAR NEGAR O PERDÃO

Depois de ser perdoado de toda aquela dívida (v. 32), o servo encontrou um que lhe devia 100 denários (v. 28). A dívida daquele servo era de 60 milhões de denários, enquanto que a do seu conservo era de apenas 100 denários, ou seja, uma dívida, milhares de vezes menor. Deus nos perdoou tantas coisas ao nos conceder o dom gratuito da salvação em Cristo, que qualquer ofensa que outro ser humano possa praticar contra nós é irrisória (Lc 17.3,4; Tg 2.13; 1Pd 4.8). O servo incompassivo agiu:

1. Desprezando o seu semelhante - "Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos..." (v. 28a). Nós não merecemos em hipótese alguma o perdão divino. Quando pecamos é porque estamos desobedecendo às leis de um Deus Santo, e ofendendo-o com a nossa natureza obstinada e dureza de coração. Quando Deus nos perdoa, Ele o faz movido pelo seu amor imensurável e por meio de Cristo Jesus, "em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos nossos delitos, segundo as riquezas da sua graça" (Ef 1.7). O servo da parábola, a despeito de ter sido perdoado após rogar ao seu senhor, desprezou totalmente o seu semelhante, que lhe suplicava por misericórdia. Da mesma forma como fomos perdoados, devemos perdoar setenta vezes sete ao nosso irmão que pecar contra nós (Mt 18.15-22; Lc 17.4).

2. Agindo com intenção egoísta - "Paga-me o que me deves" (v. 28c). O egoísta deseja somente para si e não quer que outros alcancem algum benefício. Perdoar é soltar, é libertar alguém e deixá-lo ir. O perdão é uma doação, portanto esta é a lei de Deus: "Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão" (Lc 6.37). Mas o egoísta recebe e não passa adiante. Aquele servo foi liberto de uma grande dívida que comprometia, inclusive, toda a sua

família, porque o pecado traz consequências negativas até para os familiares, como foi o caso de Acã (Js 7.24).

3. Deixando de exercitar a compaixão - "Ele, porém, não quis" (v. 30a). Aquele servo não perdoou ao seu companheiro, simplesmente porque não quis. Muitos cristãos afirmam categoricamente: *"Eu não perdoou, quem perdoa é Deus"*. Outros dizem: *"Eu já perdoei, mas é ele lá e eu aqui"*. Existe casal que aceita teoricamente o erro do seu cônjuge, mas no íntimo nunca o perdoou e assim o mantém preso. Famílias inteiras, vivendo debaixo do mesmo teto, mas não conseguem se perdoar. Na igreja, muitos estão cantando juntos, ceando juntos, e, por incrível que pareça, até orando juntos, mas nunca se perdoaram. E sabem por quê? Porque não querem. Se o perdão fosse algo impossível, Deus jamais o exigiria de nós (Mc 11.26). O servo poderia ter perdoado aquela dívida tão pequena, se tivesse um mínimo de disposição interior.

III - O CRISTÃO SERÁ PUNIDO CASO NEGUE O PERDÃO

"Portanto, se estiverdes apresentando a tua oferta no altar, e aí te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali adiante ao altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta. Concilia-te depressa com teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que não aconteça que o adversário te entregue ao guarda, e sejas lançado na prisão" (Mt 5.23-25). Aquele servo foi cobrado duramente por causa de sua atitude. Vejamos a punição para o cristão que não perdoa:

1. Seus desígnios um dia serão revelados - "Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito, e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara" (v. 31). Não é difícil notar as pessoas na igreja que têm dificuldade em perdoar. Esta atitude produz tristeza, primeiramente na pessoa que não alcançou o perdão, depois naquele que o negou e, por último, na igreja como um corpo. Ela sofre com a pouca atuação do Espírito Santo, já que Este só se manifesta em corações sensíveis ao perdão. Não estaria na hora de orarmos pedindo ao Senhor que interfira na situação da igreja para que haja perdão e, conseqüentemente, libertação e cura? O rei da parábola dependeu de outros para saber da atitude do servo. O nosso Deus, contudo, é onisciente, e trará a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau (Ec 12.14).

2. Sua atitude um dia será alvo da indignação do Senhor - O Senhor se indignou com a atitude daquele servo, chamando-o de *"malvado"* (v. 32), e cobrou-lhe o fato de não haver perdoado ao seu semelhante: "Perdoei-te toda aquela dívida... não devias tu também ter compaixão...?" (v. 33). Assim como o rei da parábola, Deus tem nos desafiado a exercer o perdão. Ele tem falado conosco por meio da Bíblia, das pregações, na letra dos hinos e de muitas outras maneiras. Ele está falando agora por meio desta lição. Não devemos, de forma alguma, resisti-lo. "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará vossas ofensas" (Mt 6.14,15).

3. Sua dívida um dia será cobrada na íntegra - "... até que pagasse tudo o que lhe devia" (v. 34). O Senhor percebeu que aquele servo era indigno da misericórdia que recebera, e por isso lhe entregou aos verdugos (atormentadores). O servo foi enviado à prisão, não pela dívida, mas porque abusou da graça do seu Senhor. "Assim vos fará meu Pai celestial, se de todo coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas" (Mt 18.35). Algumas doenças, perturbações de ordens psicológicas, desajustes familiares e uma vida espiritual estéril podem indicar a presença do "verdugo", como consequência direta da falta de perdão.

CONCLUSÃO: O que foi tratado nesta lição não é apenas questão de doutrina, trata-se de ensino prático e fundamental. Perdoar não é uma opção para o cristão, mas, uma prioridade, um imperativo divino. Não é algo que possa ser protelado, a fim de se esperar um momento oportuno para fazê-lo. Não há que se esperar ter o coração apaziguado para liberá-lo. O perdão deve ser fruto de uma decisão voluntária, de uma predisposição interior. Perdoe, e seu coração ficará em paz. Perdoe, e você se sentirá livre. Devemos perdoar na mesma medida em que fomos perdoados pelo Senhor.

LIÇÃO 03 - A VOLTA DO SENHOR PARA O CRISTÃO

Mt 25.1-13

INTRODUÇÃO: A parábola das dez virgens adverte-nos quanto à expectativa da vinda de Cristo e a necessidade de vigilância por parte dos crentes. Quando o momento do arrebatamento chegar, serão revelados os verdadeiros cristãos, aqueles que mantiveram uma fé inabalável na pessoa bendita de Cristo Jesus. Assim, cabe a todos nós, estar vigilantes. "Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir" (v. 13).

I - A ESPERA PELO SENHOR (vv. 1-5)

A mulher grávida espera com expectativa a chegada do seu filho, atentando para todos os detalhes a fim de não ser surpreendida no momento. Da mesma forma, o cristão vigilante aguarda a vinda de Jesus Cristo, sabendo que ela se dará num momento em que não imagina. Esta parábola nos ensina as exigências para a espera pelo Senhor. Vejamos:

1. Exige determinação - O texto diz que as dez virgens, centradas nos seus objetivos, saíram ao encontro do noivo (v. 1). Da mesma forma, o reino dos céus é constituído de pessoas determinadas e que sabem o que querem. Servos que lançam a mão do arado e não olham para trás (Lc 9.62); cristãos que estão com os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé (Hb 12.2); e, que prosseguem para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3.14). O cristão vigilante sabe o que está esperando e conhece as promessas nas Escrituras sobre este evento. "Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2Pe 3.13).

2. Exige prudência - O texto diz que das dez virgens determinadas apenas cinco eram prudentes. Estas, juntamente com suas lâmpadas, levaram também azeite, símbolo do Espírito Santo, de reserva em suas vasilhas. Eram cheias do Espírito Santo e não somente simpatizantes do Evangelho. Existem muitos cristãos imprudentes hoje que até aguardam a vinda de Jesus, mas que brincam de ser crentes e são irreverentes com a obra de Deus. São imprudentes como as outras cinco virgens, que não levaram azeite de reserva consigo (v. 3). A prudência nos leva a agir com diligência, praticar boas obras, orar com fervor e devoção e a viver com piedade diante de Deus.

3. Exige constante vigilância - O texto diz que "tardando o esposo, tosquenejaram todas e adormeceram" (v. 5). A vigilância não exige que fiquemos acordados o tempo todo. Podemos manter um espírito vigilante, mesmo enquanto dormimos. Na parábola, todas as moças estavam dormindo, mas ao primeiro sinal, despertaram. Até este ponto não houve distinção entre elas; o problema só veio à tona quando tiveram que preparar as suas lâmpadas, pois as loucas não tinham azeite, e isso fez a diferença. Mesmo envoltos em tribulações e dificuldades que sufocam a nossa esperança, deixando-nos como quem dorme, interiormente devemos estar preparados (Mt 26.41). A qualquer momento, seremos despertados pelo som das trombetas, para encontrarmos o Senhor nos ares (1Ts 4.16).

II - O ENCONTRO COM O SENHOR (vv. 5-10)

O evento mais glorioso que acontecerá na história da humanidade, infelizmente, não trará benefícios para todos, pois somente os que estiverem preparados gozarão deste privilégio. Vejamos como será este encontro?

1. Será num momento inesperado - "E, tardando o esposo..." (v. 5a). A vinda de Jesus parece, segundo o nosso entendimento, demorada demais. Este é o principal motivo pelo qual muitos estão dormindo. Mas além de estarmos preparados, devemos também nos renovar a cada dia, fortalecendo a nossa fé nas promessas da sua vinda, encontradas na Palavra de Deus. Para aquelas virgens, representantes legítimas da igreja de hoje, à meia-noite o noivo apareceu (v. 6). A manifestação do noivo deu-se numa hora totalmente improvável. Contudo, poderia ter sido em qualquer outro momento. Assim também será a vinda do Senhor; ela se dará em dia e hora inesperados (v. 13).

2. Será de maneira rápida (vv. 7-9) - Certamente, o momento da vinda do Senhor não é a ocasião mais oportuna para alguém se preparar, uma vez que acontecerá de forma súbita. As virgens prudentes saíram ao encontro do noivo quando já estavam preparadas. A insensatez levou as virgens imprudentes ao desespero: "Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam", disseram (v. 8). Porém, era tarde demais; não havia quem pudesse socorrê-las. Isso deve nos servir de alerta, pois a santidade pessoal não pode ser repartida. É triste ver como muitos crentes podem estar tão

despreocupados com relação à própria santificação (Hb 12.14). Portanto, quem quiser se preparar deve fazê-lo enquanto é dia, ou seja, agora, pois o Espírito Santo será tirado, e as trevas se intensificarão.

3. Será para os preparados - "E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas..." (v. 10). Não houve nem um tipo de empecilho, quem estava preparada entrou. O Senhor receberá com grande alegria os seus servos que o aguardam e amam na sua vinda (2Tm 4.8). As virgens imprudentes sequer viram o noivo. Assim será também com os despreparados; quando perceberem, a Igreja santa já estará na glória com o Senhor para sempre (1Ts 4.17). A expressão: "e fechou-se a porta", dá a entender que o Senhor não abrirá exceção para ninguém. O critério será o mesmo usado no dilúvio: a arca foi fechada por fora pelo próprio Deus (Gn 7.16). Na vinda do Senhor será também assim, Deus fechará a porta da graça.

III - OS REPROVADOS PELO SENHOR (vv. 11-13)

As parábolas do reino procuram enfatizar a diferença entre vencedores e derrotados, justos e injustos, bons e maus, prudentes e insensatos. Segundo os ensinamentos de Jesus, estes grupos opostos não compartilharão o mesmo destino. "E irão estes para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna" (Mt 25.46). Vejamos o grupo dos reprovados pelo Senhor:

1. O grupo dos retardatários (v. 11) - Somente depois de todos os acontecimentos, e já com a porta fechada, é que vieram também as néscias, mas já era tarde demais. Existem pessoas que sentem prazer em chegar atrasado, não fazendo o menor sacrifício para cumprir o horário previsto. Será que na vinda do Senhor estes retardatários chegarão a tempo de entrarem? Será que poderão dizer: "*Senhor, espera um pouco, até que nos santifiquemos?*". Vejam que as néscias inutilmente gritaram: "Senhor, senhor, abre-nos a porta". Assim será o grito de pavor dos reprovados ao perceberem que o Senhor já levava consigo a sua igreja.

2. O grupo dos estranhos (vv. 12,13) - A pior coisa que alguém poderá ouvir do Senhor é: "Não vos conheço". João disse que quem aborrece o seu irmão não conhece a Deus (1Jo 4.7,8) e conhecer é ter intimidade. O Senhor conhece os que são seus (2Tm 2.19). A Bíblia trás uma séria advertência quanto aos estranhos, os que procuraram um relacionamento com Deus baseado apenas na aparência: "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? E, em teu nome não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci: apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (Mt 7.22-23).

CONCLUSÃO: O objetivo desta lição é despertar aqueles que estão alienados quanto ao maior evento a ser desencadeado nesta terra, um evento que abalará todas as estruturas deste planeta, a saber, o arrebatamento da igreja. Que possamos estar atentos, vigilantes, sabendo que o nosso Senhor virá num momento em que não imaginamos, e que, para não sermos surpreendidos naquele dia, precisamos estar preparados, com nossas lâmpadas a postos e em perfeita comunhão com o Espírito Santo. Se assim for, no lugar da dura expressão: "não vos conheço", ouviremos o maravilhoso convite: "entra no gozo do teu Senhor" (Mt 25.21b).

LIÇÃO 04 – OS TALENTOS DO CRISTÃO

Mt 25.14-30

INTRODUÇÃO: A comparação do reino dos céus com o conteúdo da parábola dos talentos é evidente no versículo 14: "Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens". Jesus mostrou claramente a responsabilidade dos seus arautos em "negociar" tudo o que Ele os legou na sua partida para o Pai, até o regresso para levar-nos consigo. Nesta lição, abordaremos os critérios para a distribuição dos talentos, a forma correta de utilizá-los e o tipo de retribuição que todos os servos, sejam eles bons ou maus, receberão do Senhor.

I - HOUE CRITÉRIOS NA DISTRIBUIÇÃO DOS TALENTOS

O Senhor não distribuiu os talentos aleatoriamente, mas usou de alguns critérios para que, quando voltasse, tivesse como avaliar de forma justa e coerente o comportamento de cada um no desenvolvimento deles. O crescimento e expansão do reino dos céus dependem da multiplicação dos talentos. Vejamos os critérios utilizados pelo Senhor:

1. O Senhor chamou a todos - "... chamou os seus servos...". (v. 14b). Todos os servos foram convocados a comparecerem diante do senhor; e, no que diz respeito ao Reino de Deus, este foi também o primeiro critério utilizado: Ele chamou a todos. Entendemos que não exista um só cristão que possa se desculpar diante do Rei da glória, visto que a todos foi dada a oportunidade de apresentar algum serviço diante Dele. Você, meu irmão, é importante para Deus. No reino dos céus não existe, no que depende de Deus, servo inútil.

2. O Senhor confiou seus bens a todos - "... e entregou-lhes os seus bens" (v. 14c). O segundo critério foi o da confiança. No reino dos céus não há nada de pouco valor, pois são os bens pertencentes ao Senhor. Notamos aqui duas coisas significantes: Primeira, a confiança que o Senhor depositou em nós, e isso é admirável. O Senhor confiou em nós e espera a devida correspondência; Segunda, nos entregou o melhor, ou seja, seus próprios bens. Ele não nos deu dificuldades e nem fardos pesados: "O Senhor dará bens aos que lhe pedirem" (Mt 7.11).

3. O Senhor considerou a capacidade individual de todos - "... a cada um segundo a sua capacidade" (v. 15b). Vejamos o que Deus leva em consideração no que diz respeito aos talentos distribuídos:

- a) Individualidade - O Senhor tratará com cada um de nós individualmente e não com a multidão como um todo. Não poderemos nos esconder Dele (Hb 4.13);
- b) Responsabilidade - Cada um deve desenvolver o dom adquirido e não apenas conservá-lo. Ninguém cantará, pregará ou fará qualquer outra coisa por você. O dom é seu;
- c) Identidade - O Senhor nos conhece (Jo 10.14), temos uma identidade. No universo inteiro não existe outro exatamente igual a você, Ele te chama pelo nome (Jo 10.3);
- d) Capacidade - Diante de Deus, ninguém pode dizer: "Senhor, não tenho competência". O Senhor não te deu talentos acima da sua capacidade, portanto, trate de desenvolvê-lo.

II - HÁ CRITÉRIOS NO USO DOS TALENTOS

Quando utilizamos os dons de Deus, estes se multiplicam, pois transformam nossas vidas de tal maneira que ficamos em condições de revelar muito mais da plenitude que Ele nos oferece. O amor gera mais amor; a fé, mais fé; a obediência à Palavra de Deus produz uma fonte de virtude que vai influenciando nosso ambiente (2Pd 1.3-8). Portanto:

1. É necessário trabalho e confiança- Éramos escravos e o Senhor nos elevou à posição de mordomos, dando-nos talentos. Por isso, devemos nos empenhar em prol do Seu Reino. O versículo 16 mostra que o servo contemplado com cinco talentos "foi imediatamente negociar", dando mostras da sua imensa devoção. Este versículo ainda nos mostra:

- a) Ação - "foi". O servo não esperou ser mandado, pois entendeu que o Senhor jamais lhe daria algo tão valioso apenas para ser guardado. O Senhor esperava atitude da parte dele;
- b) Urgência - "imediatamente". Tinha consciência de que havia um tempo limitado entre a partida e o retorno do seu Senhor, que voltaria para ajustar contas;
- c) Responsabilidade - "negociar". O servo não gastou o talento, ele o aplicou de forma a obter lucro para o seu Senhor. Não esnobou no uso dos talentos, porque não eram seus;
- d) Capacidade - "ganhou outros cinco". Negociar com os talentos não é vendê-los para angariar riquezas para si, como muitos cantores e pregadores têm feito. O bom servo, fiel, conseguiu lucro de cem por cento para o seu Senhor.

2. É necessário deixar a negligência e a desobediência- A parábola mostra que, enquanto dois labutaram confiadamente, um servo foi negligente e desobediente ao seu Senhor. Agiu assim porque disse: "Eu sei que o senhor é um homem duro, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou. Fiquei com medo e por isso escondi o seu dinheiro na terra. Veja! Aqui está o seu dinheiro" (vv. 24,25 VLH). Ele não quis arriscar-se e fazer o dom circular. Preferiu a neutralidade, isentando-se da responsabilidade. Muitos, agindo de forma idêntica, "enterraram os seus talentos". São cristãos que têm medo de Deus, por não conhecerem o seu amor e não possuírem intimidade com Ele.

III - HAVERÁ CRITÉRIOS NA RETRIBUIÇÃO DO SENHOR

O reino dos céus tem se expandido na terra, graças à ação da Igreja. Os servos fiéis não têm poupado esforços no sentido de aplicar seus talentos para a maior glória do Rei dos reis. Em contra partida, os

servos inúteis têm persistido na negligência e na ociosidade. Quando o Senhor voltar, chamará a todos para prestarem contas (2Co 5.10). Vejamos então o que acontecerá:

1. Ao servo fiel, reconhecimento e recompensa (v. 21) – Todo empregado gosta de ser reconhecido na tarefa que executa. De igual modo, quando estivermos ali, perante o Senhor, nós que desenvolvemos o nosso talento, ouviremos dele: "muito bem, servo bom e fiel". Isso compensará todo o sofrimento, cansaço e lágrimas vertidas, pois o Senhor será o nosso alento e enxugará dos nossos olhos toda lágrima (Ap 21.3,4). Na avaliação do Senhor o que mais pesou foi o fato do servo mostrar fidelidade sobre o pouco. Muitos argumentam que não pregam porque não são grandes pregadores, ou não ensinam porque não são teólogos. Mas quem é infiel no pouco, é infiel no muito; por isso Deus não pode confiar aos tais muitos bens. Os servos que multiplicaram seus talentos receberam bênçãos dobradas. Se formos fiéis, Ele próprio nos receberá, e orgulhoso do nosso desempenho, nos fará entrar no regozijo reservado para os vencedores (Rm 8.37; Ap 21.7).

2. Ao servo negligente, vexame, rebaixamento e Desprezo (vv. 26-28) - O servo mau é aquele que age com negligência, preferindo deixar para outro aquilo que ele mesmo poderia fazer. Trata-se de uma preguiça espiritual, que é como um câncer destruidor, que impede o servo de produzir (Pv 13.4). O fato de ter recebido apenas um talento em nada prejudicou o servo negligente na hora do acerto final, pois o que multiplicou os dois talentos teve o mesmo tratamento daquele que multiplicou cinco (vv. 21,23). A inutilidade do servo está na falta de "produtividade" no Reino de Deus, e por isso, ele foi lançado fora da presença do Senhor. Notemos a sequência dos fatos: O acerto começou com o que possuía cinco talentos até chegar ao que só tinha um. Isso indica que o servo mau presenciou seus conservos sendo recompensados, antes de ser ele mesmo lançado nas trevas exteriores. Não pode existir desprezo pior! É como o rico que, atormentado, teve condições de ver Lázaro no seio de Abraão (Lc 16.23).

CONCLUSÃO: O refrão do hino 16 da harpa cristã diz: "Posso tendo as mãos vazias, com Jesus, eu me encontrar? Quantas almas poderia ao Senhor apresentar?". O nosso trabalho no Reino pode ser determinante para que alguém tenha um encontro com Cristo. Você está desenvolvendo o seu talento? Se o enterrou ainda há tempo de desenterrá-lo, para que possa ser "negociado" em favor do reino dos céus. Lembre-se: o Senhor virá em breve e o requererá das suas mãos.

LIÇÃO 05 – AS ATITUDES DO CRISTÃO **Lc 6.37-45**

INTRODUÇÃO: As atitudes do cristão estão evidenciadas, em grande parte, nas parábolas de Jesus Cristo; e nesta passagem não é diferente. Ao final desta lição, perceberemos que esta parábola não trata apenas do julgamento alheio, mas de ações que envolvem a generosidade e o amor para que seja alcançada a perfeição diante do Senhor e, através dos frutos, mostrarem como devem ser as atitudes do verdadeiro cristão, quais sejam:

I - DEVEM SER AMOROSAS

Jesus Cristo enfatiza a questão do julgamento, porém surgem duas concepções diferentes a respeito deste assunto: para alguns, o verdadeiro cristão não pode julgar; para outros, o julgamento já se tornou um hábito constante em suas vidas. Mas, afinal, o crente pode ou não julgar? Para uma atitude verdadeiramente cristã, é necessário analisar essa questão com generosidade e amor:

1. Evitando indiferença no julgamento - "Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados" (v. 37). Jesus sempre vivia rodeado de pessoas consideradas a escória do mundo, mas nunca as tratou com indiferença. Àqueles que estavam errados por não conhecerem a verdade, Ele os enxergava com seu olhar de amor, ensinando-lhes o caminho da salvação (Mt 9.10-13). Bem distantes do exemplo de Cristo, muitos cristãos perdem a oportunidade de angariar almas para o reino, por causa do seu julgamento preconceituoso acerca das pessoas, trazendo com isso irritação e desrespeito ao Evangelho de Cristo. A Palavra nos diz em João 8.32: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Por isso, o amor deve ser sempre o bálsamo que limpa a nossa visão do preconceito e nos leva a pronunciar a verdade, trazendo libertação e não um julgamento indiferente.

2. Evitando injustiça no julgamento - "... Pode, porventura, um cego guiar outro cego? Não cairão ambos na cova?" (v. 39b). É impossível cumprir alguns mandamentos sem avaliar as pessoas. Os apóstolos,

por exemplo, julgavam e nos instruem a fazer o mesmo, traçando um perfil de todos aqueles a quem devemos nos afastar para proteger a Igreja das falsas doutrinas e outros tipos de contaminação (1Co 5.11-13; 2Jo 1.7-11; Jd 1-4,12-24). No que se concerne a indicação de alguém a um cargo, nós também devemos julgar o caráter do candidato, restritamente à luz das exigências bíblicas, a fim de fortalecer a Igreja com uma liderança que honre o seu cargo (Tt 1; 1Tm 3). Estes julgamentos, como observamos, devem ter alvos específicos e estar envoltos pelo forte laço do amor para que não se cometa injustiças e não se lance fora dos braços de Cristo pessoas que estão em dificuldades e que precisam, com amor, serem restauradas à presença do Salvador. E, ao final, é sempre bom lembrar que "com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo" (v. 38).

II - DEVEM VISAR A PERFEIÇÃO

"O discípulo não é superior a seu mestre, mas todo o que for perfeito será como o seu mestre" (v. 40) Jesus falava a pessoas que se julgavam perfeitas, no entanto, estavam mergulhadas na hipocrisia. Embora fossem dizimistas, negligenciavam o mais importante de lei: a justiça, a misericórdia e a fé (Mt 23.23). O Evangelho de Cristo, contudo, nos constrange a atitudes mais nobres. Vejamos como isso é possível:

1. Enxergando os próprios defeitos - "E por que atentas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho?" (v. 41). Muitas vezes, o homem não consegue olhar o espelho da sua alma, pois o seu reflexo fere de maneira contumaz os princípios cristãos. Contudo, ergue-se em sua arrogância, sentindo-se capaz de apontar os defeitos alheios e ainda corrigi-los. Para estes, é preciso lembrar as palavras contidas em João 8.7: "Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela". Para tentar alcançar a perfeição do Mestre é necessária uma análise diária, enxergando os próprios erros e defeitos, e com arrependimento retirar as "traves" que impedem uma vida correta diante de Deus e também dos homens: "... e, então, verás bem para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão" (v. 42).

2. Ajudando nas dificuldades alheias - "Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço" (v. 38). É impossível alcançar a perfeição diante de Cristo sem ter os olhos voltados para os que estão à nossa volta, ajudando-os a se colocarem de pé. Como nos diz Ernest Blevins: "O melhor exercício para fortalecer o coração é abaixar-se e levantar os que estão caídos". A Palavra nos diz que Jesus não foi enviado para condenar o mundo, mas para salvá-lo (Jo 3.17). Em Mateus 12.20 vemos que Jesus "Não esmagará o galho quebrado, nem apagará a luz que já está fraca" (BLH). Até o último instante, Ele cuidará dos feridos para que sejam restaurados. O cristão, também, precisa sentir a real dificuldade daquele que está ao seu lado precisando de ajuda para erguer-se novamente diante de Deus. Isso se chama misericórdia, e tal como agimos com o nosso próximo, assim o Senhor agirá conosco (Mt 18.23-35).

III - DEVEM PRODUZIR BONS FRUTOS

"Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto" (v. 43). É sempre possível reconhecer a qualidade de um fruto entregue a Cristo, pelas palavras e ações que procedem de um verdadeiro cristão. Vejamos como os bons frutos podem ser produzidos:

1. Por meio das palavras - "... porque da abundância do seu coração fala a boca" (v. 45). Não há dúvidas de que o ser humano é conhecido por tudo o que diz, pois são as palavras que nos qualificam como sábios, ignorantes, sensíveis, arrogantes, etc. Mais que um mecanismo da fala, as palavras estão carregadas de pensamentos e sentimentos que provêm do coração (Pv 10.19-21). É por meio delas que colhemos os nossos frutos para Cristo. Por isso é tão importante que tenhamos cuidado com tudo aquilo que dizemos, pois as palavras formulam o conceito que as pessoas têm a nosso respeito, e também à respeito do Senhor, a quem dizemos servir (Cl 3.8-17).

2. Por meio das ações - "Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos" (v. 44). Os frutos decorrentes das nossas ações não serão avaliados por Deus somente quando finalmente os entregarmos a Cristo, mas são analisados constantemente por todos aqueles que nos cercam (Fp 1.9-11). Enganam-se aqueles que desprezam os atos corriqueiros da vida diária, como se não fossem observados. São as nossas pequenas atitudes de justiça, de amor, de colaboração e ajuda ao próximo, contadas como belos frutos,

que levam as pessoas a desejarem também servir ao nosso Senhor e a cooperarem conosco no crescimento do Reino Celestial.

CONCLUSÃO: Ser cristão não é uma ideia, mas ação e atitude; por isso devemos ter cuidado com a projeção dessas atitudes, pois elas refletem quem somos, o que pensamos e o que trazemos no mais íntimo do nosso coração. A reflexão diária sobre os nossos erros e defeitos deve ser constante, para que o amor transborde de um coração misericordioso, capaz de entender as dificuldades alheias. Somente assim conseguiremos caminhar em direção ao Mestre, levando conosco vidas que, mesmo em face às mais diferentes dificuldades em manterem-se de pé, são tão preciosas quanto cada um dos que se acham tão "perfeitos".

LIÇÃO 06 - O ALICERCE DO CRISTÃO **Lc 6.46-49**

INTRODUÇÃO: O cristão está incumbido de trabalhar na edificação da sua própria vida. O Senhor já estabeleceu o fundamento para que cada um construa ali a sua casa: "mas veja cada um como edifica sobre ele" (1Co 3.10). Nesta lição, estudaremos estes três pontos relacionados ao alicerce do cristão: a vida cristã desestruturada, a vida cristã solidificada e a vida cristã provada.

I - A VIDA CRISTÃ DESESTRUTURADA

O construtor insensato é assim chamado porque não se cerca das devidas precauções, calcula mal e perde a noção da realidade. Ele não percebe que uma casa edificada sobre a areia está fadada à ruína. Assim também, aqueles que perderam o bom senso não poderão resistir aos dias maus (Ef 6.13). Eles são comparados a um homem insensato, pelos seguintes motivos:

1. Rejeita as palavras de Cristo- Deixar de ouvir a Palavra de Deus é o primeiro erro; ouvir e não praticá-la é o erro final. Muitos estão pregando que não se deve roubar e roubam; que não se deve adulterar e adulteram; que se devem buscar as coisas do alto, mas são materialistas (Rm 2.21,22). Não podemos proclamar um evangelho que não vivemos. Os que ignoram a Palavra de Deus, que é lâmpada para os nossos pés e luz para o nosso caminho (Sl 119.105), não podem ter, de forma alguma, uma vida espiritual estruturada.

2. Constrói sobre um fundamento inadequado- Construir sobre a areia é mais fácil, mais barato e exige menos esforço físico que cavar os alicerces numa rocha; e é por isso que o homem insensato optou por este tipo de edificação. Para alguns cristãos, este tipo de fundamento é o ideal, pois dispensa transformação, oração, contribuição, serviço e renúncia. O construtor insensato edifica sobre a areia porque a sua vida é baseada em outro evangelho (Gl 1.8), que é o evangelho da felicidade descompromissada com Deus e com a sua Palavra. Ninguém, contudo, pode colocar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Cristo (1Co 3.11).

II - A VIDA CRISTÃ SOLIDIFICADA

Em um projeto devem estar inclusos: as condições do terreno, o tamanho da casa a ser construída, a boa qualidade do material a ser usado, as condições do tempo etc. O Senhor Jesus, fazendo a aplicação desta parábola, diz que, no reino dos céus, o homem que edifica de acordo com as normas estabelecidas pelo sábio Arquiteto é prudente. Vejamos quais são estas normas:

1. Ouve as palavras de Cristo - É importante notar que o insensato também ouve (cf. v. 49), contudo não pratica o que ouve, vivendo apenas na teoria. No entanto, estas normas são aplicáveis a todos: "Todo aquele..." (Mt 7.24). É de suma importância ouvir as palavras de Cristo como fundamento para a verdadeira edificação. Por isso, "bem-aventurado... os que ouvem as palavras... e guardam" (Ap 1.3). Paulo profetizou que, nos últimos tempos, muitos teriam comichões nos ouvidos e se irritariam ao ouvir as palavras de Cristo (2Tm 4.3,4). Existem cristãos que não apreciam a Escola Dominical e os cultos de doutrina; no entanto, quem quiser edificar a sua casa de forma adequada e duradoura, terá que ouvir as palavras de Cristo: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mt 11.15).

2. Pratica as palavras de Cristo- Na concepção de Tiago, aquele que atenta bem para a palavra de Deus é um bem-aventurado (Tg 1.22-25). A ideia é a mesma usada por Jesus que substituiu o verbo

"praticar" pelo verbo "edificar". Segundo Jesus, o cristão só se tornará forte e bem estruturado se praticar a sua Palavra: "A palavra de Cristo habite em vos abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros..." (Cl 3.16a). Só assim poderemos crescer até atingirmos a estatura de varão perfeito (Ef 4.13).

3. Edifica sobre a rocha- Construir sobre fundamento sólido é edificar sobre a Palavra de Cristo (1Co 10.4). Trata-se das nossas vidas e de todas as nossas atividades totalmente inseridas Nele. "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus..." (Gl 2.20a). Uma casa, para ser firme e poder resistir à ação devastadora do tempo, precisa estar fundamentada sobre a rocha. Do contrário, não resistirá às provações que certamente se abaterão sobre todas as edificações, conforme veremos a seguir.

III - A VIDA CRISTÃ PROVADA (vv. 48,49)

Todos conhecem a história dos três porquinhos: um construiu a sua casa com palhas, o outro usou madeiras, mas o terceiro usou tijolos. No teste final, somente a casa de tijolos ficou de pé. Não é por acaso que o terceiro porquinho chamava-se Prático. Assim como na história dos porquinhos, todas as edificações serão submetidas ao teste final; contudo, nem todas serão aprovadas. Vejamos:

1. Será uma ação devastadora:

- Do tempo- Muitos não poderão suportar por longo tempo, e aí as suas verdadeiras obras serão reveladas e seus segredos serão expostos (Mc 4.22);
- Das provações - Para os que receberam a palavra e se entusiasmaram, sem que, contudo, tivessem raízes alicerces, e acabaram desmoronando (Mc 4.16,17);
- Das tentações - Muitos crentes, depois de anos servindo na obra, caíram em fracasso e se desmoronaram. Eram casas construídas sobre areia;
- Do julgamento - "Portanto, nada julgues antes do tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor" (1Co 4.5);
- Da eternidade - A eternidade revelará que tipo de material usamos na edificação. Se verdadeiro e resistente ou se falso e carregado de vaidade (1Co 3.13).

2. Muitas edificações ficarão em ruínas - O Senhor Jesus concluiu esta parábola dizendo que, diante do teste final, a casa construída sobre a areia caiu, e completou: "... e foi grande a ruína daquela casa" (v. 49). Uma vida alicerçada no amor ao dinheiro, na cultura secular, na aparência exterior e no sucesso não resistirá à ação demolidora do juízo final (Ap 20.11-15). Como bem disse o salmista Davi: "Por isso os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos. Porque o Senhor conhece o caminho dos justos; porém o caminho dos ímpios perecerá" (Sl 1.5,6)

3. Muitas edificações permanecerão inabaláveis- A resistência não está nas paredes da casa edificada, e sim no alicerce. O crente que ouve a Palavra de Deus e a pratica está construindo a sua vida sobre a Rocha que é Cristo, e nesta Rocha ele está seguro (Sl 125.1). É importante frisar que uma vida inabalável não pressupõe imunidade à doença, desemprego, sofrimento ou morte. Todos nós estamos sujeitos a estas intempéries. Contudo, vivendo em obediência ao que as Escrituras nos ensinam, temos a convicção de que nada poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8.39).

CONCLUSÃO: Vimos os dois tipos de alicerces: um construído na areia e o outro sobre a rocha. Jesus Cristo, ao usar estas figuras, referia-se à vida cristã que deve ser muito bem alicerçada para que não venha a ruir. As Palavras de Cristo ressoam por toda a parte, quem tem ouvidos, ouçam-nas. Ainda há tempo de recomeçar; ainda há a possibilidade de reconstruir. Abandone agora todo material de construção obsoleto, que não tem lhe permitido edificar sua vida espiritual sobre um fundamento seguro, e comece a viver pautado nas Palavras de Cristo.

LIÇÃO 07 - A FIDELIDADE DO CRISTÃO Lc 12.42-48

INTRODUÇÃO: A fidelidade do cristão é medida por um conjunto de práticas e por

uma entrega incondicional da sua vida ao Senhor. Nesta lição veremos que o cristão fiel é, em primeiro lugar, um servo que se mantém firme; em segundo lugar, sabe que, apesar de servo sem direito a qualquer reivindicação, o Senhor, pela sua grande misericórdia, o recompensará. Portanto, vejamos:

I - ELE SE MANTÉM NA SUA POSIÇÃO DE SERVO

Estar posicionado é não deixar seu posto de atuação, nem relaxar com relação aos deveres previamente estabelecidos. O texto diz: "... a quem o senhor pôs..." (v. 42). Então o servo fiel é aquele que:

1. Exercendo a sua mordomia com prudência (v. 42) - A expressão "mordomia cristã" diz respeito ao cuidado responsável que devemos ter pelos recursos do Reino, e é desta forma que age o cristão fiel. Ele faz a vontade de Deus de maneira sensata e criteriosa, pois sabe que nada daquilo que está administrando vem de si mesmo (Tg 1.17). Antes de entregar tarefas aos seus servos, o Senhor os adverte da condição de que eles estão lidando com um Deus Santo (Êx 3.5; Js 5.15). Portanto, "maldito aquele que fizer a obra do Senhor fraudulentamente!" (Jr 48.10a).

2. Sabendo de suas obrigações (v. 43) - Feliz o cristão que, quando o Senhor voltar, for achado servindo de acordo com os critérios estabelecidos na Palavra. Infelizmente muitos estão criando seus próprios critérios. O servo de Deus precisa saber qual o seu dever e a função que o Senhor lhe confiou, para que possa exercê-la com dedicação (Rm 12.8). A felicidade do cristão está em conhecer a sua obrigação e cumpri-la.

3. Agindo com responsabilidade- Nadabe e Abiú morreram porque levaram fogo estranho perante o Senhor (Nm 26.61). Quanto a isso, a Bíblia nos faz séria advertência: "Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir, e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se, virá o Senhor daquele servo no dia em que o não espera, e numa hora que ele não sabe, e separá-lo-á, e lhe dará a sua parte com os infiéis" (vv. 45,46). O cristão fiel é responsável nas suas atribuições, pois sabe que, mesmo na ausência de seus líderes, ele está em todo tempo na presença do seu Deus.

4. Permanecendo em vigilância - "Virá o Senhor daquele servo no dia em que o não espera, e numa hora que ele não sabe, e separá-lo-á..." (v 46a). Vemos um exemplo de descuido na atitude das cinco virgens néscias que tentaram se preparar no último instante e não conseguiram entrar nas bodas do Cordeiro (Mt 25.10-13). Muitos cristãos deixaram as obrigações concernentes ao Reino de Deus em troca do prêmio deste mundo. Talvez estejam planejando fazer a obra do Senhor depois que conseguirem levar a termo todas as suas conquistas. Todavia, o momento do arrebatamento pegará de surpresa o crente descuidado, e a sua sentença certamente será: "... e lhe dará a sua parte com os infiéis" (v. 46b).

II - ELE ESPERA A SUA RECOMPENSA DE SERVO

A Bíblia diz que "tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6.7), por isso, uma recompensa, de acordo com o texto que estamos estudando, pode ser boa ou má. Se alguém semeou na carne, irá colher corrupção; se, no espírito, colherá vida eterna (Gl 6.8). Tanto o cristão fiel como o infiel receberá a sua justa recompensa. Assim, vejamos como deve ser a expectativa do servo com relação a ela:

1. Consciente do valor do seu galardão - "Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá" (v. 44) - Todos nós almejamos este tipo de prêmio: herdar as riquezas celestiais. Mas Jesus disse que para isso é preciso renunciar às terrenas (Mt 19.21; Lc 14.33; Hb 11.24-26). Somente aqueles que foram fiéis na obra do Senhor poderão contar com este tipo de recompensa (Mt 25.21).

2. Consciente do castigo decorrente da desobediência - "E o servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites" (v. 47) - Quem sabe o que se deve fazer e não faz, ou faz o que não se deve, está cometendo o pecado da desobediência. Por todos os meios, a vontade do Senhor é divulgada: na EBD, nos cultos, nas reuniões de oração, e ainda deve-se levar em conta que todos os cristãos possuem uma Bíblia em casa. Se não fazem é porque são desobedientes, e o castigo para estes é a condenação eterna (Sl 9.17).

3. Consciente do castigo decorrente da omissão - "Mas o que a não soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado..." (v. 48a) - Essa é outra maneira de pecar contra o Senhor. Podemos denominá-lo de pecado da omissão. Nenhum cristão pode dizer que não conhece a vontade de Deus para a sua vida, uma vez que ela está explícita nas Escrituras. É óbvio que se o crente não se interessa em ler a Bíblia, não tem o costume de frequentar a Escola Bíblica Dominical e foge dos cultos doutrinários, vai, sem dúvida alguma, ficar alienado com relação à vontade de Deus para si; mas nem por isso deixará de ser culpado diante Dele.

4. Consciente das condições impostas naquilo que abraçou - "... E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá" (v. 48b) – Quando oramos pedindo dons e talentos a Deus, nem imaginamos que estamos pedindo mais responsabilidades. Obviamente, isto não deve nos desanimar na busca por sermos cada vez mais usados por Deus. Mas estejamos convictos de que quanto maior for a capacidade, maior será a cobrança pelos resultados (Mt 25.16-18). Se o Senhor nunca falou nada ao nosso coração e se nunca recebemos nenhuma incumbência do Espírito Santo para fazer a obra, então estamos isentos de qualquer responsabilidade; no entanto, toda atribuição que recebemos de Deus será requerida.

CONCLUSÃO: A vida cristã exige compromisso e fidelidade para com aquele que nos chamou para "sermos de Jesus Cristo" (Rm 1.6). Esta fidelidade deve ser abrangente e completa. Não significa cumprir alguns requisitos como se estivéssemos comprando a benevolência do Senhor, pois é, na verdade, o cumprimento com as obrigações inerentes ao Reino de Deus. Somos chamados para exercer a mordomia cristã com responsabilidade, prudência e perseverança. Que possamos exercê-la com fidelidade diante de Deus.

LIÇÃO 08 - O INVESTIMENTO DO CRISTÃO

Lc 14.25-35

INTRODUÇÃO: A o contrário do que muitos pensam, a vida cristã tem um preço a ser pago. Embora a salvação seja gratuita, não se pode consegui-la, e muito menos levá-la a termo, se não for com muito esforço (Lc 16.16). No texto que vamos estudar, esta verdade é destacada. Podemos ver que se trata de um investimento de valor calculado, cujos meios foram previamente avaliados. Portanto, vejamos:

I - É UM INVESTIMENTO DE VALOR CALCULADO (vv. 28-32)

Diante de uma grande multidão, Jesus Cristo esclareceu este fato, comparando a vida cristã com a edificação de uma torre e com os preparativos visando a uma guerra. Com isso Ele quis mostrar, que antes de aceitarmos as condições de ingresso no Reino de Deus, precisamos fazer uma introspecção para saber se vamos levar adiante o novo empreendimento. Então, vejamos:

1. Ele pondera antes de começar a edificar (vv. 28-30) – Primeiro precisamos observar que a vida em Cristo deve ser aceita pelo indivíduo. Ninguém é forçado a ser cristão, pois Jesus diz: "qual de vós, querendo..." (v. 28). É um ato deliberado da vontade do homem receber, ou não, a condição de ser cristão: "quem quiser tome de graça da água da vida" (Ap 22.17). No entanto, todo aquele que tomar a decisão de "edificar" sua vida em Cristo, deverá se assentar "primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que acabar". Muitas pessoas, um dia, decidiram seguir a Cristo, mas, para vergonha delas, desistiram no meio do caminho. Puseram o alicerce, mas não puderam concluir o empreendimento. Hoje, afastadas, servem de escárnio e vergonha (vv. 29,30; Mt 5.13).

2. Ele não corre riscos desnecessários (vv. 31,32) – Sabemos que, para lutar numa guerra, precisamos estar preparados com treinamento e armas adequadas. É necessário, também, conhecer a força do inimigo que vem contra nós. Entrar numa guerra despreparado é partir para a derrota. Desta forma, Jesus Cristo ilustrou dizendo: "Ou qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil?" (v. 31). O cristão não pode correr o risco de entrar na guerra espiritual sem o devido preparo e perder a batalha. Satanás é cruel e não poupará os perdedores (Lc 11.24-26). Contudo, "as armas da nossa milícia não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas" (1Co 10.4).

II - É UM INVESTIMENTO CUJOS MEIOS SÃO AVALIADOS - (vv. 25-27; 33-35)

Em certa ocasião, algumas pessoas eufóricas ofereceram-se para seguir a Cristo, talvez sem avaliar os meios, as condições ou os riscos. O Senhor os confrontou mostrando que quem aceita as condições do Reino, não deve esperar por uma vida de conforto nesta terra (Lc 9.57,58); quem se propõe a segui-lo, não é dono do próprio tempo (Lc 9.59,60) e, para ser um discípulo de Jesus, exige-se disciplina e concentração naquilo que se propõe a fazer (Lc 9.61,62). No texto básico da lição, extraímos três condições para quem quer gozar a vida cristã:

1. Há a disposição para sofrer perdas - "Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (v. 26) - De acordo com o contexto, a palavra aborrecer traz o sentido de "desgostar", ou seja, perder o interesse. Paulo aplica a mesma ideia, ao ensinar a igreja de Corinto: "... como nada tendo e possuindo tudo" (2Co 6.10b). Isso equivale a dizer que podemos possuir tudo, mas não podemos ser possuídos por nada. Em relação aos familiares, quer dizer que devemos nos desprender deles, se for o caso, para colocar o Reino de Deus em primeiro lugar. Abraão teve de fazer isso para atender ao chamado divino (Gn 12.1).

2. Há a disposição para morrer para o mundo e para si mesmo - "E qualquer que não levar a sua cruz e não vier após mim não pode ser meu discípulo" (v. 27) - A cruz fala de morte. Jesus morreu nela e nos convida solenemente a tomar a nossa. A cruz, neste caso, não significa um instrumento de madeira, muito menos minha esposa, meus filhos ou minha sogra. Representa a morte do meu "ego". O apóstolo Paulo explica bem esta doutrina em Romanos 6.6: "sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado". Esta verdade torna-se realidade em nosso viver diário, quando renunciamos a tudo o que somos e o que temos (v. 33).

3. Há a disposição para manter o valor qualitativo da vida cristã - "Bom é o sal, mas, se ele degenerar, com que se adubará? Nem presta para a terra, nem para o monturo; lançam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça" (vv. 34,35) - Um efeito da mentalidade das igrejas hoje é o que tem sido chamado de "a síndrome da porta de vai e vem". As igrejas estão repletas de pessoas buscando sentido para a vida, alívio para suas ansiedades e preocupações. Assim, elas as escolhem como faz com refrigerantes. Tão logo a igreja que frequentam deixa de satisfazer às suas necessidades, elas saem pela porta tão facilmente quanto entraram. Buscam conforto e se esquecem de que precisam de uma igreja que as façam crescer em Cristo e no amor para com os outros (2Pe 1.5-8; 3.18).

CONCLUSÃO: Ser um cristão depreende condições a serem cumpridas. Abraçar estas condições da vida cristã significa calcular o valor a ser pago e avaliar se os meios são perfeitamente viáveis. Não podemos começar este empreendimento sem os devidos preparos. Portanto, é por meio da renúncia e da morte do nosso egoísmo que conseguiremos levar a termo este edifício para a glória de Deus.

LIÇÃO 09 - O REGRESSO DO CRISTÃO Lc 15.11-24

INTRODUÇÃO: Dentre as parábolas contadas pelo Senhor Jesus, a do filho pródigo, talvez, seja a que melhor descreve a situação daquele que se distancia de Deus. Em contrapartida, nos esclarece a respeito do grande amor do Pai, que espera de braços abertos aquele que se arrepende (Lc 15.20; Mt 11.28-30). Esta lição se propõe a mostrar os motivos que levam muitos ao distanciamento do Senhor, bem como as consequências resultantes dessa atitude. Por outro lado, veremos que sempre há a possibilidade de regresso à casa do Pai, de forma a experimentar a restauração que Ele opera em nós pelo seu grande amor.

I - O QUE NOS LEVA AO DISTANCIAMENTO DE DEUS

Examinando o texto básico da lição, podemos entender o que levou o filho pródigo a deixar a casa de seu pai:

1. A imaturidade cristã - "E o mais moço deles..." (v. 12) – Quem saiu de casa foi o mais jovem. Neste caso específico, parece que a falta de experiência o levou a pensar nos prazeres fáceis, sem se dar

conta do que poderia sofrer. A imaturidade tem levado muitos ao fracasso nas mais diversas áreas: conjugal, financeira, social, ministerial etc. Os prazeres mundanos: prostituição, drogas, orgias, alucinam e atraem com facilidade os imaturos. Sem contar que estes são facilmente engodados por doutrinas antibíblicas que cada vez mais os afastam de Deus (Ef 4.14).

2. A prática de pecado premeditado - "E, poucos dias depois..." (v. 13) - O moço já havia maquinado a respeito da sua saída, insistindo em seguir os desejos da sua carne. O sábio Salomão disse: "As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é suave" (Pv 9.17). O pecado é, aparentemente, agradável, mas o seu salário é a morte (Gn 3.6; Rm 6.23). Deus abomina o "coração que maquina pensamentos viciosos, e pés que se apressam a correr para o mal" (Pv 6.18). Há alguns que pecaram por deslize; outros, simplesmente premeditaram; tiveram tempo para refletir e se arrepender, mas não o fizeram. É o exemplo de Davi, que cometeu adultério e, por consequência, matou Urias (2Sm 11.1-24).

3. O anseio por independência - "...ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua..." (v. 13) - Alguns cristãos abandonaram as suas congregações em busca de um evangelho fácil, de uma "vida cristã" isenta de renúncia. São crentes infrutíferos, inimigos da verdade, seguidores de fábulas (2Tm 4.4). Quase sempre é o anseio por esta falsa liberdade que motiva filhos a saírem da casa de seus pais, para gozarem a libertinagem, e é por essa razão, também, que muitos saíram da presença de Deus.

4. A insensatez - "E, caindo em si..." (v. 17) - Esta expressão mostra o quanto aquele jovem estava fora da realidade, uma vez que somente alguém estando totalmente fora de si é capaz de tomar decisões tão descabidas quanto as que ele tomou. A Palavra de Deus revela que uma vida pecaminosa está relacionada à falta de juízo, ou seja, quem anda errado, está fora de si (Sl 53.1; Mc 5.15). Ao homem que julgou estar seguro por toda a vida, em virtude de ter grãos em abundância, Deus disse "Louco, esta noite te pedirão a tua alma, e o que tens preparado para quem será?" (Lc 12.20).

II - AS CONSEQUÊNCIAS DO DISTANCIAMENTO DE DEUS

Distante do pai e sem os seus conselhos, o filho pródigo se viu agora mal vestido e faminto, desejando comer aquilo que era oferecido aos porcos. Muitos cristãos, distanciados de Deus, estão sofrendo estas amargas consequências:

1. Perda de valores - "E, havendo ele gastado tudo..." (v. 14) – O incauto veio a padecer necessidades de tudo que abundava na casa do pai. Isso indica que houve perda nos seguintes sentidos:

- Valores materiais - Até os empregados da casa de seu pai gozavam de maiores privilégios. A pobreza não é consequência de pecado, mas um estado miserável pode indicar distanciamento de Deus, onde os bens não são duradouros;
- Valores psicológicos - O filho passou a demonstrar um estado de morbidez, sofrendo com o rebaixamento da autoestima. Este é o estado daquele que se distancia de Deus. "...havendo perdido todo o sentimento, se entregaram..." (Ef 4.19), passando a ter uma disposição mental reprovável, ou sentimento perverso (cf. 1.28);
- Valores espirituais - Houve perda de comunhão com o pai. Quem procura o caminho dos prazeres desvinculados de Deus, enterra os talentos, apaga-se-lhe a luz do evangelho, perde o sabor do sal, a alegria e, por fim, a vida eterna.

III - A SOLUÇÃO PARA O DISTANCIAMENTO DE DEUS (vv. 18-24)

A atitude do filho de sair de casa nunca foi da vontade do Pai, mas mesmo assim, Ele está sempre de braços abertos para recebê-lo. O jovem, ao recobrar a lucidez, foi capaz de:

1. Considerar o seu estado miserável - Saul, embora não tenha se arrependido de verdade, pôde declarar: "Eis que procedi loucamente e errei grandissimamente" (1Sm 26.21). O filho pródigo passou a enxergar com clareza quando recobrou a sobriedade. O homem só pode entender o seu estado miserável quando é despertado pelo poder da Palavra de Deus: "Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá" (Ef 5.14).

2. Demonstrar disposição para recomeçar - Essa foi a atitude mais nobre do jovem: mostrou prudência, inteligência, lucidez e buscou nova oportunidade para recomeçar. A atitude de "levantar" ilustra a diligência espiritual (Rm 13.11,12). Esta deve ser a atitude daqueles que, um dia, iludidos pelo prazer do

pecado, deixaram a presença do Pai (Hb 11.25). Se você, por meio desta lição, ouve hoje a voz do Espírito Santo, não endureça o seu coração (Hb 3.7,8). Tome esta decisão: "Levantar-me-ei, e irei ter com meu Pai..." (v. 17a).

3. Apropriar-se do amor perdoador do Pai - "Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e sandálias nos pés" (v. 22). Isso nos fala das vestes espirituais e aponta para a justiça de Deus em Cristo Jesus (Sl132.9; Rm 5.1). O anel na mão fala de autoridade e as sandálias nos pés, de filiação, pois os escravos não usavam calçados. É uma característica do amor de Deus atrair a si homens de todos os povos e nações para o reino do seu amor (Jr 31.3), perdoadando-lhes as suas ofensas por meio do sangue de Cristo derramado na cruz.

CONCLUSÃO: Esta lição nos desafia a uma tomada de decisão. É provável que todos nós tenhamos alguma área a ser tratada em nossas vidas. Afastar-se de Deus é cair na mediocridade e sofrer perdas de valores, muitas vezes, irreparáveis. Deus é longânimo e amoroso, por isso devemos nos voltar para Ele, enquanto há tempo (Is 55.6). Tomemos, agora, a decisão de regressar à casa do pai, a fim de sermos tratados por Ele, uma vez que só Nele há copiosa redenção.

LIÇÃO 10 – AS ADVERTÊNCIAS DO CRISTÃO

Lc 16.19-31

INTRODUÇÃO: Normalmente, estudamos a parábola do rico e Lázaro para extrair dela ensinamentos concernentes ao inferno e à perdição eterna. Apesar de encontrarmos nela esse tipo de ensino, seu destaque doutrinário principal, de acordo com o contexto, está relacionado às questões como a avareza e o apego às coisas desta vida. Veremos nesta lição algumas advertências, para as quais os cristãos devem bem atentar, pois a Bíblia foi escrita para aviso nosso (1Co 10.11). Portanto, vejamos:

I - A VIDA CRISTÃ EXIGE RENÚNCIA

Jesus estava ensinando ao povo, "e os fariseus, que eram avarentos, ouviam todas essas coisas e zombavam dele" (Lc 16.14). O Senhor acabara de repreendê-los dizendo que ninguém poderia servir a Deus e às riquezas (Lc 16.13). A história contada por Jesus a seguir dá prosseguimento à doutrina apresentada nos textos anteriores. No que diz respeito à renúncia do cristão, duas verdades podem ser observadas aqui, são elas:

1. Demonstrada no contraste entre a vida do rico e a de Lázaro - O texto pode deixar transparecer a ideia errônea de que a riqueza é sinal de pecado e a pobreza, de virtude; ou que ser rico é estar destinado à perdição e que a salvação se consegue por meio da pobreza e do sofrimento. No entanto, o ensino em destaque é que o amor ao dinheiro (1Tm 6.10) e uma vida sem renúncia pode nos levar ao desprezo para com a salvação. O luxo e o conforto deste mundo podem gerar em nós uma acomodação e, quando muito, apenas nos escoramos em uma religião para assegurar à nossa consciência de que tudo vai bem. O problema com aquele rico é que, para viver "regaladamente", ele ignorou a pobreza do seu próximo, que tentava matar a fome à sua porta (v. 20). Por outro lado, a pobreza de Lázaro representa, aqui, abstinência, dependência de Deus e sofrimento (vv. 20,21), que evidentemente só são proveitosas se vividas por causa do evangelho. São essas duas situações que formam o grande contraste.

2. Demonstrada no contraste entre a morte do rico e a de Lázaro - A diferença entre a vida do rico e a do pobre estende-se até o dia da morte de ambos. Vemos que: "... o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão..." (v. 22a). É, sem dúvida, um solene cortejo para receber aquele que nada teve de importante neste mundo. O apóstolo Paulo esperava este tipo de atenção em recompensa à sua vida abnegada (2Tm 4.7,8,18). Mas a história continua: "... e morreu também o rico e foi sepultado" (v. 22b). Nem uma recepção ou cerimônia: Morreu e pronto! O que era importante desvaneceu, visto que "o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação" (Lc 16.15b).

II - A VIDA CRISTÃ EXIGE INSTRUÇÃO NA VERDADE

Esta parábola trás importantes ensinamentos para a nossa vida espiritual. O livro de Provérbios descreve o homem que não se importa em receber instruções, dizendo: "Não quis" (1.25), "não aceitou, desprezou"

(1.30), "rejeitou, enojou-se" (3.11), "não ouviu" (13.1) e "aborreceu" (5.12) a instrução do Senhor. Vejamos os ensinamentos que devem estar fixados nas mentes e corações dos cristãos:

1. Há uma grande diferença entre ser salvo e conhecer aspectos da salvação- Por vezes, nos iludimos pensando que estamos bem com Deus, porque conhecemos os chavões e palavras ditas no meio evangélico, tais como: "Paz do Senhor", "irmão", "tá amarrado", etc. Além do mais, participamos das orações e dos louvores. No entanto, ficamos estarecidos ao observar que o homem condenado conseguiu ver Abraão, ainda que de longe (v. 23), chamou-o de pai (v. 24) e foi chamado de filho (v. 25), contudo, nada disso foi suficiente para mudar sua realidade espiritual eterna. Jesus nos advertiu quanto ao perigo de se viver um cristianismo de aparência, lembrando que uma religião superficial não tem proveito algum (Mt 7.21-23).

2. Há um grande abismo entre os salvos e os condenados - "E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá" (v. 26). Para Deus, é fundamental que as coisas sejam bem definidas, por isso fez "... separação entre a luz e as trevas" (Gn 1.4). Ele quer que a diferença entre os cristãos e os não cristãos seja visível (Mt 3.18). Portanto, nos exorta: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?..." (2Co 6.14-16a).

3. Há uma grande importância entre o saber e o praticar- Como já estudamos na sexta lição desta revista, o cristão prático é semelhante ao homem que construiu a sua casa na rocha. O imprudente, que não pratica, construiu na areia. O homem rico mencionado na parábola conhecia a verdade, mas não a praticava, como podemos notar:

- a) Mesmo estando no inferno, demonstrou que tinha consciência do pecado, tanto que se lembrou dos seus irmãos e, sendo conhecedor da vida pecaminosa que possuíam, intercedeu por eles (vv. 27,28). Ter consciência do pecado não é a mesma coisa que se arrepender dele;
- b) Sabia da existência de um evangelho que pode impedir as pessoas de ir para o inferno (v. 28), mas não o abraçou;
- c) Acreditava na possibilidade da ressurreição (v. 30), mas a ignorou;
- d) Tinha consciência de que todos os que vivem errados vão para ali (v. 30), mas nada fez por si mesmo;
- e) Tinha consciência de que a rejeição à Palavra de Deus é suficiente para que alguém seja lançado no inferno (v. 30), pois ele mesmo se tornou prova disto.

CONCLUSÃO: Agora que estudamos esta lição, devemos refletir e conscientizar-nos dos riscos que correm aqueles que conhecem a Palavra de Deus, mas não a obedecem. O cristão precisa deixar o apego a este mundo e buscar as coisas celestiais, pois como diz a letra de certa melodia: "ninguém errará o caminho que conduz ao céu, ninguém poderá escapar do juízo final". Tomemos uma posição diante dessa séria advertência e sirvamos ao Senhor com temor e reverência.

LIÇÃO 11 - A ORAÇÃO DO CRISTÃO

Lc 18.1-8

INTRODUÇÃO: A parábola da viúva e do juiz ínuquo é encontrada apenas no evangelho de Lucas. Foi utilizada para discorrer sobre o dever de orar inerente ao cristão (v. 1). É claro que a oração não se trata apenas de um dever, mas de um privilégio que somente aqueles que estão em harmonia com a Palavra conseguem desfrutar (Hb 10.19-23). Por essa razão, uma vez que estamos falando sobre vida cristã, vejamos o que Cristo nos ensina em sua parábola concernente à oração:

I - É ILUSTRADA POR MEIO DE TRÊS FATORES

Com intuito de instruir seus servos acerca da oração perseverante, Cristo mostra que mesmo diante da aparente possibilidade de não sermos ouvidos, jamais devemos nos desanimar. Ele fala de três fatores que normalmente nos abatem quando vamos orar. Vejamos quais são:

1. Uma autoridade ímpia- Imagine uma autoridade que menospreza o Deus que a nomeou e que, além disso, só se preocupa com a sua própria posição, como foi o caso de Saul (1Sm 15.11). Você teria

coragem de solicitar algo a uma pessoa assim? Ao inserir os atos de um juiz iníquo em sua parábola, Jesus quis que seus ouvintes entendessem a necessidade da perseverança na oração.

2. Uma pessoa sem prestígio- Um fator que impossibilitaria ainda mais o atendimento a uma solicitação seria o baixo prestígio do requerente, pois o comum é a prontidão no atendimento àquele que é bem conceituado pela maioria em um grupo social. Cristo sabia que as viúvas tinham pouca reputação diante da sociedade daquela época (Êx 22.22; Jó 24.21), por esta razão, ao incluir tal personagem em sua parábola (v. 3), acentua ainda mais a impossibilidade dela ser atendida.

3. Uma causa irrelevante- Não há nada mais desanimador para a pessoa que está passando por determinado problema, que vê-lo ser tratado como algo irrelevante por pessoas que detêm o poder para ajudar. É como o infortúnio vivido por Jó, ao ouvir as palavras de Elifaz (Jó 15.9,10). Quando Cristo expôs a queixa da viúva: "Faze-me justiça contra o meu adversário" (v. 3), não disse qual era o problema dela e nem a sua argumentação, apenas deixou subentendido que o tipo de problema não é o peso maior em uma oração e sim a fé.

II - É EXEMPLIFICADA EM UM CENÁRIO DE INCERTEZA

Conforme vimos no tópico anterior, Cristo apenas introduziu os pontos que discorreria em sua parábola. Neste tópico, ao argumentar cada um dos fatores apresentados, levando os ouvintes a visualizarem um cenário de incerteza, Ele começa a mostrar que é em uma situação como essa que se justifica a perseverança.

1. A fraqueza do suplicante - O Grande conhecedor da mente humana sabia muito bem que, ao referir-se a uma viúva em sua parábola, logo viria à imaginação de seus ouvintes uma pessoa idosa e sem forças. O que Cristo queria mostrar com isso é que a suplicante tinha motivos de sobra para desistir. No campo da oração, o esmorecimento consiste em perda da batalha (Êx 17.10-13). Assim sendo, jamais duvide das promessas de Deus em virtude da situação em que você se encontra, pois ainda que você não tenha a vasilha para receber as bênçãos prometidas, o Senhor te concederá os meios necessários para recebê-las (Gn 12.2; 15.2-4).

2. A indisposição do deliberante- Mesmo Cristo não tendo apontado um problema específico para a viúva, é fácil observarmos que não se tratava de uma causa insolúvel para o juiz, pois, conforme foi ilustrado ele simplesmente não quis atendê-la (v. 4). Imagine a sensação de incerteza que, embora por pouco tempo, tais palavras provocaram naquele momento. Era Cristo se valendo de um importante recurso para ensinar sobre a perseverança na oração. Mas, infelizmente, muitos preferem acreditar que Deus simplesmente não se importa com suas causas (Is 40.27,28 BLH).

3. A aflição do recorrente- Quem não se afligiria em saber que a pessoa a quem confiou o seu problema não tem interesse em ajudá-la e ainda se incomoda quando é procurada? Essa situação é bem expressa nas palavras: "Por algum tempo, não quis,... esta viúva me molesta" (vv. 4,5a). Mesmo com o peso dessas palavras, a viúva prosseguiu como se estivesse dizendo a si mesma: "Lá vamos nós outra vez!". O cristão precisa aprender que orar, conforme a vontade do Pai, não significa resposta rápida, e sim, ser persistente até que ela venha de maneira clara e inteligível, pois em Deus não há sombra de dúvida no sim e muito menos no não (Gn 18.20-33; 1Sm 16.1; 2Co 12.7-9; Tg 5.17).

III - É APLICADA POR MEIO DO CONTRASTE

Alguém pode perguntar: "Por que Deus está sendo representado na pessoa de um ímpio?" O fato é que, diferentemente das outras parábolas, Cristo utilizou-se do contraste e não da comparação para ensinar. Mas um ponto em comum que prevalece é a persistência na oração. Para entender melhor, vejamos a dinâmica do contraste:

1. De autoridade ímpia para autoridade divina- Quando o Senhor disse: "Ouvi o que diz o injusto juiz" (v. 6), referindo-se às palavras que foram ditas no versículo anterior, Ele está ressaltando que aquele juiz não foi movido por sua bondade, mas pela perseverança da viúva. A Bíblia diz: "Bom é o Senhor para os que se atêm a ele, para a alma que o busca" (Lm 3.25). Sabendo disso, o impacto da explicação de Cristo se torna bem mais contundente (v. 7), pois não servimos a um Deus injusto, mas aquele que ama a justiça e o juízo, e que também é rico em bondade (Sl 33.5).

2. De pessoa sem prestígio para pessoa escolhida - Ao discorrer na parábola que uma pessoa de pouco prestígio acabou sendo atendida por pura indignação (v. 5), Cristo mostra que os escolhidos terão muito mais êxito diante do Deus que os escolheu, pois dos tais é a vitória (Rm 8.33-37). Como um escolhido de Deus, jamais duvide do valor que você tem para Ele, por pensar que demora em atendê-lo. Lembre-se, quando um pai diz não a um filho, isso não tem nada a ver com o prestígio deste, assim como nem sempre quer dizer que lhe foi pedido algo que não deseja dar-lhe, mas tão somente que está querendo dizer: "Agora não, filho!".

3. De causa irrelevante para causa preeminente - Enquanto o juiz tratou a causa da viúva como algo irrelevante e só depois de certo tempo, voltou sua atenção a ela, Cristo ressalta a preeminência de nossas causas com as seguintes palavras: "... depressa, lhes fará justiça..." (v. 8). A confusão que muitos fazem em relação à pressa de Deus é quando a limitam ao tempo do homem, e não ao Dele (2Pe 3.8). Mas os que entendem esta verdade sabem que o Senhor responde às nossas orações, bem antes de recebermos o que pedimos (Dn 10.10-13), e esta é a maior prova de que a nossa causa é de grande relevância para o Senhor.

CONCLUSÃO: Jamais devemos ignorar que a vida cristã tem muito mais relevância diante de Deus do que aquilo que pedimos em oração. Conforme vimos, ao adicionarmos em nossas vidas o que a parábola nos ensinou, a oração não será apenas um recurso à parte, mas a expressão contínua da nossa vida em Cristo. O Senhor não leva em consideração o percentual crítico de um problema para identificar a quem atenderá primeiro, pois Ele tem poder para atender a todos ao mesmo tempo. Portanto, lembre-se de que a persistência é o que indicará o grau da tua fé, e essa sim, é tida como um referencial para a resposta das orações.

LIÇÃO 12 - A POSTURA DO CRISTÃO **Lc 18.9-14**

INTRODUÇÃO: A vida cristã exige constante vigilância e introspecção a fim de que os fatos geradores dos nossos procedimentos estejam sempre sendo avaliados. No menor descuido, caímos na tentação de achar que somos melhores que todo mundo, e com isso, o nosso coração se eleva e começamos a desprezar o nosso semelhante. Nesta lição, queremos avaliar as atitudes dos personagens apresentados na parábola, de forma que sejamos desafiados a tomar a firme decisão de rechaçar os pecados gerados no fundo da alma, passando a ter uma visão mais equilibrada acerca de nós mesmos. Vejamos:

I - O CRISTÃO DEVE RESISTIR FORTEMENTE OS PECADOS INTERIORES

Os pecados interiores são os que, em geral, não são compartilhados ou exteriorizados. O contexto nos mostra que o Senhor estava incriminando principalmente os fariseus, que se achavam sem pecado e moralmente perfeitos (Lc 15.2). Mas o seu ensino se destina também àqueles que demonstram semelhante comportamento. Vejamos quais são estes pecados:

1. O pecado da autossuficiência - "E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos..." (v. 9a). Este é o pecado daqueles que pensam que se bastam a si mesmos, enquanto que o contexto geral das Escrituras nos mostra que apenas Deus é autossuficiente. Pessoas assim pensam que conquistaram o que têm por meio da sabedoria e esperteza própria, desconhecendo completamente a condição humana. A Palavra de Deus nos faz lembrar que: "Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!" (Jr 17.5). O salmista nos deixa aqui uma bela recomendação: "Pois eu não confiarei no meu arco, nem a minha espada me salvará" (Sl 44.6). Tudo o que temos e somos vem do Senhor.

2. O pecado da auto justificação - "... crendo que eram justos..." (v. 9b). Os fariseus liam e decoravam a Palavra de Deus, mas não se dispunham a cumpri-la; burlavam os ensinamentos de Moisés, a quem diziam seguir, e desprezavam os ensinamentos de Jesus. Eram justos aos seus próprios olhos, e daí o motivo pelo qual permaneciam cegos. As Escrituras, contudo, deixam claro a nossa posição em relação à justiça divina: "Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia..." (Is 64.6a). Se quisermos nos achegar a Deus, devemos abrir mão dos nossos atos de justiça e nos fiarmos na justiça de Cristo (Rm 3.21,22). O Senhor é a nossa justiça! (Jr 33.16).

3. O pecado do menosprezo para com os demais - "... e desprezavam os outros" (v. 9c). O desprezo significa falta de apreço, desconsideração, desdém, repulsa com nojo. Era assim que os fariseus viam as pessoas em geral (Jo 9.34). As igrejas estão cheias de pessoas assim, que acham que cantam ou pregam melhor e, com esse sentimento, acabam desprezando os verdadeiros humildes do Reino. São como "joio" no seio da igreja. A Palavra de Deus nos diz: "Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo" (Fp 2.3). O desprezo para com os semelhantes mostra o quão pouco entendemos a verdadeira mensagem do Evangelho.

II - O CRISTÃO DEVE TER UMA VISÃO EQUILIBRADA SOBRE SI MESMO

O fariseu da parábola tinha uma visão deturpada da realidade espiritual, supervalorizando a si mesmo e subvalorizando o próximo. Enquanto cristãos, precisamos ajustar a nossa visão, a fim de que possamos entender exatamente a nossa posição no Reino de Deus. Vejamos como isso pode acontecer: 1. Entendendo que servir a Deus vai além de alguns gestos ou atitudes - "Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano" (v. 10). A superficialidade é a marca principal de boa parte dos cristãos de hoje, pelo fato de apoiarem suas convicções em fatos e emoções e não na Palavra de Deus. No entanto, podemos perceber que uma pessoa pode participar de muitas atividades cristãs sem ser um salvo em Cristo. Saul profetizou (1Sm 19.24), Judas participou da equipe de evangelização (Mc 6.7), Ananias era ofertante (At 5.1,2) e, no texto acima, encontramos o fariseu orando no templo. Além do mais, jejuava e era dizimista e, no entanto, foi reprovado por Deus (v. 12).

2. Examinando constantemente as intenções do coração - (vv. 11,12). Muito mais do que atitudes, o Senhor está atento às motivações. Paulo tinha muitas razões para recomendar que o cristão examinasse a si mesmo antes de participar da Ceia do Senhor (1Co 11.28), pois, como diz as Escrituras: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" (Jr 17.9). O fariseu chega ao extremo quando diz: "não sou como os demais homens". Esse tipo de comportamento não tem amparo na lei que ele tanto defendia, pois Tiago diz: "qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos" (Tg 2.10).

3. Considerando o seu próprio estado diante de Deus - (v. 13). O publicano, apesar de ser um pecador declarado, teve atitude mais nobre, pois considerou a sua posição indigna diante do Senhor. A humildade é estampada nos seguintes gestos: "em pé", "de longe", "nem ainda queria levantar os olhos ao céu". A sua oração foi simples e singela: "Tem misericórdia de mim, pecador!". Este é o exemplo de um coração quebrantado e contrito, que jamais será desprezado por Deus (Sl51.17).

4. Estando convicto das consequências de seu comportamento (v. 14) - Jesus foi taxativo ao afirmar que o fariseu foi reprovado por causa da sua atitude arrogante, enquanto que o publicano "desceu justificado". E a razão é: "Qualquer que a si mesmo se exalta, será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha, será exaltado". No final das contas, muito mais que nossas ações, o que pesará na balança justa de Deus serão as nossas intenções. Quando comparecermos ante o Tribunal de Cristo (2Co 5.10; 1Co 3.13,14) para prestarmos contas dos atos praticados enquanto no corpo, nos perguntarão "por que" e não "o que" fizemos, já que: "À vista de Deus, somos julgados, não tanto pelo que fazemos como por nossas razões para fazê-lo" (A.W.Tozer).

CONCLUSÃO: A postura do cristão é de humildade perante o seu Senhor, porque um coração altivo Deus o abaterá. Como vimos na lição, a atitude do fariseu jamais deve ser copiada, enquanto que a do publicano nos serve de exemplo. Vamos tomar cuidado com a nossa forma de olhar para nós mesmos, considerando-nos melhores que os "demais homens". Se quisermos permanecer de pé, na presença do Senhor, sigamos esta instrução bíblica: (Tg 4.10; 1Pe 5.6).

LIÇÃO 13 - RECAPITULAÇÃO Lc 13.6-9

INTRODUÇÃO: O objetivo desta recapitulação é relembrar os principais ensinamentos das doze lições, lembrando aos alunos sobre o dever de praticar o que aprendeu.

I - A MISTURA NO MEIO CRISTÃO - (Mateus 13.24-30; 36-43)

Os filhos do reino estão juntos com os do maligno, não para serem influenciados, mas para influenciar por meio de suas vidas e pela pregação do evangelho, que é o poder de Deus para salvar e transformar o homem (Rm 1.16). Não podemos ignorar a presença do joio e do trigo no mesmo terreno trabalhado pelo lavrador; isso nos leva a admitir a coexistência de filhos do reino e filhos das trevas na mesma congregação dos santos e que somente no dia da colheita, serão de fato distinguidos. No momento certo: "vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio, entre o que serve a Deus e o que o não o serve" (Mt 13.18).

II - A RELEVÂNCIA DO PERDÃO PARA O CRISTÃO -(Mateus 18.23-35)

Nós não merecemos em hipótese alguma o perdão divino. Quando pecamos é porque estamos desobedecendo às leis de um Deus Santo, e ofendendo-o com a nossa natureza obstinada e dureza de coração. Quando Deus nos perdoa, Ele o faz movido pelo seu amor imensurável e por meio de Cristo Jesus (Ef 1.7). Da mesma forma como fomos perdoados, devemos perdoar setenta vezes sete ao nosso irmão que pecar contra nós (Mt 18.15-22; Lc 17.4).

III - A VOLTA DO SENHOR PARA O CRISTÃO - (Mateus 25.1-13)

O cristão vigilante sabe o que está esperando e conhece as promessas nas Escrituras sobre este evento. "Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2Pe 3.13). A prudência nos leva a agir com diligência, praticar boas obras, orar com fervor e devoção e a viver com piedade diante de Deus.

IV - OS TALENTOS DO CRISTÃO - (Mateus 25.14-30)

O Senhor confiou em nós e espera a devida correspondência. Ele nos entregou o melhor, ou seja, seus próprios bens. Portanto, tratará com cada um de nós individualmente. Não poderemos nos esconder Dele (Hb 4.13). Quando utilizamos os dons de Deus, estes se multiplicam, pois transformam nossas vidas de tal maneira que ficamos em condições de revelar muito mais da plenitude que Ele nos oferece. O amor gera mais amor; a fé, mais fé; a obediência à Palavra de Deus produz uma fonte de virtude que vai influenciando nosso ambiente (2Pd 1.3-8).

V - AS ATITUDES DO CRISTÃO - (Lucas 6.37-45)

Jesus sempre vivia rodeado de pessoas consideradas a escória do mundo, mas nunca as tratou com indiferença. Àqueles que estavam errados por não conhecerem a verdade, Ele os enxergava com seu olhar de amor, ensinando-lhes o caminho da salvação (Mt 9.10-13). Bem distantes do exemplo de Cristo, muitos cristãos perdem a oportunidade de angariar almas para o reino, por causa do seu julgamento preconceituoso acerca das pessoas. No entanto, o amor deve ser sempre o bálsamo que limpa a nossa visão do preconceito e nos leva a pronunciar a verdade, trazendo libertação e não um julgamento indiferente.

VI - O ALICERCE DO CRISTÃO - (Lucas 6.46-49)

Construir sobre a areia é mais fácil, mais barato e exige menos esforço físico que cavar os alicerces numa rocha; e é por isso que o homem insensato optou por este tipo de edificação. Para alguns cristãos, este tipo de fundamento é o ideal, pois dispensa transformação, oração, contribuição, serviço e renúncia. É de suma importância ouvir as palavras de Cristo como fundamento para a verdadeira edificação. Por isso, "bem-aventurado... os que ouvem as palavras... e guardam" (Ap 1.3). Paulo profetizou que, nos últimos tempos, muitos teriam comichões nos ouvidos e se irritariam ao ouvir as palavras de Cristo (2Tm 4.3,4).

VII - A FIDELIDADE DO CRISTÃO - (Lucas 12.42-48)

A expressão "mordomia cristã" diz respeito ao cuidado responsável que devemos ter pelos recursos do Reino, e é desta forma que age o cristão fiel. Ele faz a vontade de Deus de maneira sensata e criteriosa, pois sabe que nada daquilo que está administrando vem de si mesmo (Tg 1.17). Antes de entregar tarefas aos seus servos, o Senhor os adverte da condição de que eles estão lidando com um

Deus Santo (Êx 3.5; Js 5.15). Portanto, "maldito aquele que fizer a obra do Senhor fraudulentamente!" (Jr 48.10a).

VIII - O INVESTIMENTO DO CRISTÃO - (Lucas 14.25-35)

Em certa ocasião, algumas pessoas eufóricas ofereceram-se para seguir a Cristo, talvez sem avaliar os meios, as condições ou os riscos. O Senhor os confrontou mostrando que quem aceita as condições do Reino, não deve esperar por uma vida de conforto nesta terra (Lc 9.57,58); quem se propõe a segui-lo, não é dono do próprio tempo (Lc 9.59,60) e, para ser um discípulo de Jesus, exige-se disciplina e concentração naquilo que se propõe a fazer (Lc 9.61,62).

IX - O REGRESSO DO CRISTÃO - (Lucas 15.11-24)

Alguns cristãos abandonaram as suas congregações em busca de um evangelho fácil, de uma vida "cristã" isenta de renúncia. São crentes infrutíferos, inimigos da verdade, seguidores de fábulas (2Tm 4.4). Quase sempre é o anseio por esta falsa liberdade que motiva filhos a saírem da casa de seus pais, para gozarem a libertinagem, e é por essa razão, também, que muitos saíram da presença de Deus. A atitude de "levantar" ilustra a diligência espiritual (Rm 13.11,12). Esta deve ser a atitude daqueles que, um dia, iludidos pelo prazer do pecado, deixaram a presença do Pai (Hb 11.25). Se você, por meio desta lição, ouve hoje a voz do Espírito Santo, não endureça o seu coração (Hb 3.7,8). Tome esta decisão: "Levantar-me-ei, e irei ter com meu Pai..." (v. 17a).

X - ADVERTÊNCIAS PARA O CRISTÃO - (Lucas 16.19-31)

Por vezes, nos iludimos pensando que estamos bem com Deus, porque conhecemos os chavões e palavras ditas no meio evangélico, tais como: "Paz do Senhor", "irmão", "tá amarrado", etc. Além do mais, participamos das orações e dos louvores. No entanto, ficamos estarecidos ao observar que o homem condenado conseguiu ver Abraão, ainda que de longe (v. 23), chamou-o de pai (v. 24) e foi chamado de filho (v. 25), contudo, nada disso foi suficiente para mudar sua realidade espiritual eterna. Jesus nos advertiu quanto ao perigo de se viver um cristianismo de aparência, lembrando que uma religião superficial não tem proveito algum (Mt 7.21-23).

XI - A ORAÇÃO DO CRISTÃO - (Lucas 18.1-8)

Com intuito de instruir seus servos acerca da oração perseverante, Cristo mostra que mesmo diante da aparente possibilidade de não sermos ouvidos, jamais devemos nos desanimar. No campo da oração, o esmorecimento consiste em perda da batalha (Êx 17.10-13). Assim sendo, jamais duvide das promessas de Deus em virtude da situação em que você se encontra, pois ainda que você não tenha a vasilha para receber as bênçãos prometidas, o Senhor te concederá os meios necessários para recebê-las (Gn 12.2; 15.2-4).

XII - A POSTURA DO CRISTÃO - (Lucas 18.9-14)

Paulo tinha muitas razões para recomendar que o cristão examinasse a si mesmo antes de participar da Ceia do Senhor (1Co 11.28), pois, como diz as Escrituras: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" (Jr 17.9). O fariseu chega ao extremo quando diz: "não sou como os demais homens". Já o publicano, apesar de ser um pecador declarado, teve atitude mais nobre, pois considerou a sua posição indigna diante do Senhor. Jesus foi taxativo ao afirmar que o fariseu foi reprovado por causa da sua atitude arrogante, enquanto que o publicano "desceu justificado", pois "Qualquer que a si mesmo se exalta, será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha, será exaltado".

CONCLUSÃO: Que o Senhor queira nos conceder graça para colocar em prática tudo que o Espírito Santo ministrou aos nossos corações por meio destas lições.